

A partir do CNSL

MOÇAMBIQUE PODERÁ PRODUZIR COMBUSTÍVEL PARA ILUMINAÇÃO

"Caju"
Dom. 5/1/92

Uma equipa de cientistas moçambicanos está a desenvolver um projecto de produção de combustíveis domésticos para a iluminação a partir da casca da castanha de caju.

Os combustíveis domésticos, cujo arranque da sua produção terá início dentro de alguns anos, serão obtidos a partir da destilação fraccionada do CNSL, "Cashew Nut Shell Liquid", que é um dos sub-produtos da indústria de descasque da castanha de caju.

O Dr. Rui da Maia, responsável pelo projecto, disse que o CNSL é obtido pelo processo de fritura, o qual permite retirar apenas oito a doze por cento do óleo existente na casca da castanha de caju.

Contudo e de acordo com aquele cientista, experiências feitas pelo Departamento de Química da Universidade Eduardo Mondlane mostraram que certos tipos de castanha da zona Norte de Moçambique chegam a atingir um conteúdo de 35 por cento de óleo, contendo na sua grande maioria perto de 20 por cento do CNSL.

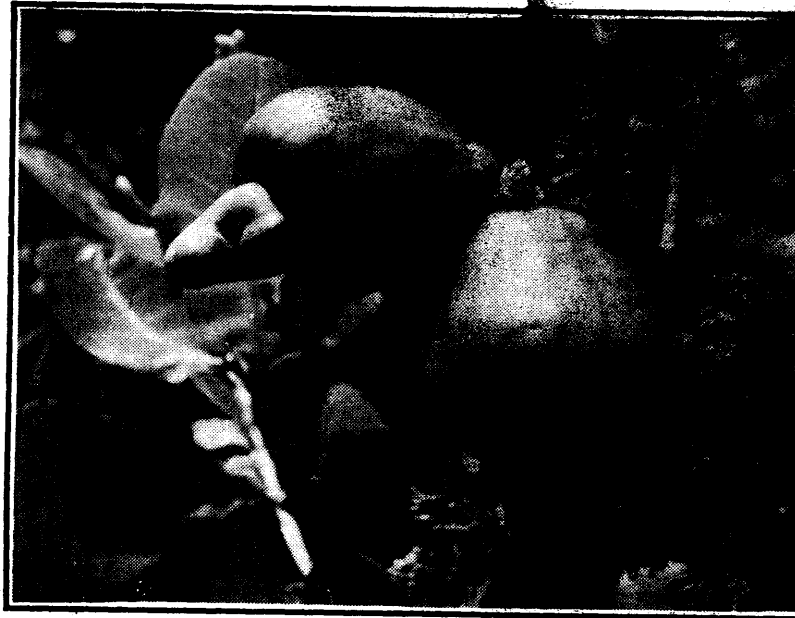
A nossa equipa de Reportagem foi informada que a industrialização daquele sub-produto permitiria a produção de combustíveis domésticos numa quantidade correspondente a 30 por cento das quantidades de petróleo de iluminação actualmente importadas. Neste momento os cientistas ligados ao projecto, em conjunto com os

técnicos da Secretaria de Estado de Caju e da Empresa Caju de Moçambique, estão a proceder ao estudo da viabilidade técnico-económica do empreendimento.

Para o efeito foi instalada na fábrica de Chamanculo, arredores da cidade de Maputo, uma unidade experimental piloto com capacidade de processamento de dez quilos do CNSL por hora. Posteriormente e em caso da viabilidade do estudo em causa, serão instaladas duas refinarias, uma em Nampula e outra em Maputo, para dar início à fase da industrialização do CNSL.

O Dr. Rui da Maia disse ainda que para além de terem as mesmas aplicações das de petróleo de iluminação, os combustíveis a produzir serviriam também para alimentar moto-bombas e geradores. Além disso, ele indicou que a industrialização do CNSL permitirá igualmente produzir alcatrão para a construção e manutenção de estradas, matéria-prima para a indústria farmacêutica e solventes para a indústria de tintas.

Para além de Moçambique, os maiores produtores do CNSL são o Brasil, Índia, Tanzânia e Quênia, por sinal os maiores produtores mundiais de castanha da caju. Contudo, em nenhum destes países faz-se ainda o aproveitamento industrial daquele sub-produto e, de acordo com Rui da Maia, a sua industrialização levaria à subida do seu preço no mercado internacional.



Com efeito, e segundo a mesma fonte, enquanto são muitos os países a produzir CNSL, o mercado do seu consumo está sob controlo de apenas dois clientes, os Estados Unidos e o Japão, os quais impõem ao produtor o preço que deve praticar.

Portanto, uma vez alcançada a industrialização os países produtores já não dependerão daqueles dois clientes para o consumo deste sub-produto e, por isso, estarão numa posição de força para impor um preço à luz dos seus interesses, tendo em conta que a procura passará a ser

maior que a oferta — frisou o nosso interlocutor.

Durante o diálogo com a nossa equipa de Reportagem, ele realçou um aspecto interessante sob o ponto de vista económico, que é o facto da castanha de caju, que é a matéria-prima para a produção do CNSL, ser uma fonte inesgotável, ao contrário do que sucede, por exemplo, com os combustíveis fósseis.

Para manter e aumentar continuamente a sua produção basta plantar mais cajueiros e melhorar o tratamento das que temos agora no País, disse aquele

cientista, para acrescentar que dados extraídos em 1988 indicavam que Moçambique gastava anualmente entre seis e oito milhões de dólares em importações de petróleo de iluminação.

Mas segundo o nosso interlocutor a instalação de uma refinaria para a produção de combustíveis domésticos a partir da destilação fraccionada do CNSL não iria custar seis milhões de dólares.

Actualmente o CNSL é exportado a um preço compreendido entre 150 e 300 dólares (255 e 510 contos) por tonelada, sendo a maior parte utilizada na produção de resinas para o sistema de travagem de automóveis e na produção de pós de moldagem.

Além de entidades nacionais estão também envolvidas no projecto dois organismos estrangeiros, nomeadamente a Universidade de Ontário Ocidental e o Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Internacional, ambos do Canadá.

Do ponto de vista de suporte financeiro, o projecto de produção de industrialização do CNSL recebeu em Junho passado um montante correspondente a 160 mil dólares, dos quais mais de metade está sob gestão da Universidade Eduardo Mondlane.

O Dr. Rui da Maia saudou a boa colaboração de todas as estruturas nacionais e estrangeiras envolvidas no empreendimento e acrescentou que urge agora manter e ampliar essa cooperação e em todas as frentes, para o bem da ciência.